

## **DIAGNÓSTICO E RESTAURAÇÃO DA PINTURA "SALOMÉ COM A CABEÇA DE JOÃO BATISTA" (1947), DE JOSÉ DE FRANCESCO: ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO PÓS-ENCHENTE**

Autora: Camila Borges Coelho<sup>1</sup>  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andréa Lacerda Bachettini<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – [camilaborgescoelho@ufpel.edu.br](mailto:camilaborgescoelho@ufpel.edu.br)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – [andrea.bachettini@ufpel.edu.br](mailto:andrea.bachettini@ufpel.edu.br)

### **1. INTRODUÇÃO**

Em maio de 2024, o estado do Rio Grande do Sul foi atingido por enchentes de proporções inéditas, que afetaram gravemente o patrimônio cultural. O Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS), localizado no centro histórico de Porto Alegre, teve aproximadamente 70% de seu acervo comprometido (IPHAN, 2024). Nesse contexto, a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), por meio do projeto de extensão S.O.S. Acervos, mobilizou docentes e discentes no resgate e na recuperação emergencial de obras afetadas.

Entre os objetos danificados encontrava-se a pintura Salomé com a Cabeça de João Batista (1947), de José de Francesco, selecionada como objeto de estudo deste trabalho. A obra, realizada em óleo sobre tela (87 × 57 cm), apresentava sujidades, fungos, perda de aderência da camada pictórica e danos estruturais causados pela submersão prolongada.

Este estudo tem como objetivo documentar e analisar o processo de conservação e restauração da obra, articulando os fundamentos teóricos de Cesare Brandi e Salvador Muñoz Viñas, bem como as diretrizes internacionais do ICOM-CC (2008), às práticas aplicadas no contexto emergencial. Busca-se, ainda, refletir sobre o papel da universidade pública na salvaguarda da memória coletiva frente a desastres ambientais.

### **2. METODOLOGIA**

A metodologia foi organizada em três etapas principais: diagnóstico, mapeamento de danos e intervenção.

O diagnóstico foi realizado no Laboratório de Conservação e Restauração de Pintura (LACORPI/UFPEL) e incluiu exames visuais sob diferentes incidências de luz (direta, rasante, transversal e ultravioleta), microscopia óptica digital, testes de pH, absorção e solubilidade. Esses procedimentos permitiram identificar crostas de lama, perdas de aderência da camada pictórica, repinturas, manchas de umidade e atividade microbiológica.

O mapeamento de danos registrou a distribuição de patologias, como deformações do suporte, lacunas na camada pictórica, contaminação fúngica e desprendimentos de tinta. Esse instrumento orientou a proposta de intervenção, fundamentada nos princípios da mínima intervenção, compatibilidade e reversibilidade.

A intervenção seguiu protocolos internacionais e contemplou: quarentena e desinfestação com timol; limpeza química, com gel de carboximetilcelulose (CMC) associado a solução de trietanolamina e água deionizada (TTA), complementada por remoção mecânica; higienização do verso e das bordas; tratamento do bastidor original (lixamento e aplicação de cera microcristalina); reestiramento da tela; nivelamento de lacunas; reintegração cromática com técnicas de *tratteggio* e pontilhismo; e aplicação final de verniz damar fosco pulverizado.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise diagnóstica evidenciou a complexidade dos danos decorrentes da enchente de 2024. O suporte apresentava fragilidade estrutural, com fibras saturadas, ondulações e perda de tensão. A camada pictórica revelava craquelês, deslocamentos e depósitos terrosos, além da ação microbiológica.

O mapeamento de danos foi essencial para compreender a extensão das patologias e subsidiar decisões interventivas. A abordagem metodológica permitiu selecionar materiais compatíveis, de baixo impacto e reversíveis, em conformidade com os parâmetros éticos.

As etapas de limpeza devolveram legibilidade à imagem, sem eliminar totalmente marcas do tempo, respeitando a autenticidade histórica. A reintegração cromática assegurou a unidade estética da pintura sem mimetizar os acréscimos. O uso de verniz damar fosco garantiu a estabilidade óptica.

Do ponto de vista teórico, a intervenção dialoga com Brandi (2011), para quem a restauração deve recompor a unidade potencial da obra sem falsificação, e com Viñas (2003), que compreende o restauro como processo interpretativo. O caso reforça também a necessidade de protocolos preventivos e emergenciais diante da intensificação de eventos climáticos extremos, como apontado por Albuquerque (2020) e Moraes (2012).

### 4. CONCLUSÕES

O restauro da obra *Salomé com a Cabeça de João Batista* demonstrou a importância de integrar diagnóstico técnico, fundamentação teórica e procedimentos éticos. A experiência possibilitou recuperar a estabilidade estrutural e a unidade estética da pintura, preservando tanto seus valores históricos quanto simbólicos.

Mais do que a recuperação material de um objeto, a intervenção reafirma o papel social do conservador-restaurador e da universidade pública em contextos de crise, atuando na preservação da memória coletiva. O caso serve como referência para futuras intervenções em acervos afetados por desastres ambientais, contribuindo para o aprimoramento das metodologias de conservação em situações emergenciais.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, L. C. A conservação e a restauração de pinturas: teoria, história e prática. Belo Horizonte: UFMG, 2020.

BRANDI, C. Teoria da restauração. São Paulo: Edusp, 2011.

ICOM-CC. Terminologia para descrição da conservação do patrimônio cultural móvel. Paris: ICOM, 2008.

IPHAN. Cartas Patrimoniais. Brasília: IPHAN, 2004.

MORAES, R. C. Microbiologia aplicada à conservação e restauração de bens culturais. São Paulo: Manole, 2012.

MUÑOZ VIÑAS, S. Teoría contemporánea de la restauración. Madrid: Síntesis, 2003.